



UNIVERSIDADE ESTADUAL DE ALAGOAS – UNEAL
PRÓ-REITORIA DE GRADUAÇÃO – PROGRAD
CURSO DE LICENCIATURA INTERCULTURAL INDÍGENA – CLIND

VAGNA DA SILVA SANTOS

Relatos de experiências sobre o
Ritual Menino do Rancho do povo Jiripankó,
em Pariconha - AL

PARICONHA – AL

2025



UNIVERSIDADE ESTADUAL DE ALAGOAS – UNEAL
PRÓ-REITORIA DE GRADUAÇÃO – PROGRAD
CURSO DE LICENCIATURA INTERCULTURAL INDÍGENA - CLIND

VAGNA DA SILVA SANTOS

Relatos de experiências sobre o
Ritual Menino do Rancho do povo Jiripankó,
em Pariconha - AL

Relatos de experiências apresentado como pré-requisito para conclusão do curso de licenciatura em Letras – CLIND, sob orientação do Prof. Me. Arenato da Silva Santos.

PARICONHA – AL

2025

VAGNA DA SILVA SANTOS

**RELATOS DE EXPERIÊNCIAS SOBRE O RITUAL MENINO DO RANCHO DO
POVO JIRIPANKÓ, EM PARICONHA – AL**

Cartilha apresentado como requisito para a obtenção do grau de Licenciado em Letras e suas literaturas, através do curso de Licenciatura Intercultural Indígena de Alagoas – CLIND, da Universidade Estadual de Alagoas – UNEAL.

BANCA EXAMINADORA

Aprovado em: 29/03/2025



Documento assinado digitalmente

ARENATO DA SILVA SANTOS

Data: 03/05/2025 14:39:15-0300

Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Prof. Me. Arenato da Silva Santos (Orientador/Presidente da Banca)



Documento assinado digitalmente

NATALIA LUCZKIEWICZ DA SILVA

Data: 03/05/2025 14:56:09-0300

Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Prof. Ma. Natália Luczkiewicz da Silva (1º avaliadora)



Documento assinado digitalmente

JOEL VIEIRA DA SILVA FILHO

Data: 07/05/2025 13:07:47-0300

Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Prof. Me. Joel Vieira da Silva Filho (2º Avaliador)

Agradecimentos

Agradecer primeiramente a Deus e às forças encantadas por terem me mantido firme e forte até aqui, pois os últimos anos não foram fáceis.

Agradecer a minha mãe por sempre me apoiar a concluir o curso.

Não poderia me esquecer dos meus amigos, Elma Patrícia por me acolher na sua residência e por tudo que fez por mim; José Pereira e Mauricio por sempre me ajudarem com as digitações dos trabalhos; Josefa e Aline, pessoas que conheci no percurso do curso, quero levar a amizade das duas para a vida; e a eles: João Paulo e Islania, pois falamos que iríamos estar juntos sempre, um apoiando o outro, pois quando eu estava desmotivada foram vocês dois que me colocaram para cima. Lembro-me que Islania dizia: “Vagna, vamos para casa estudar”. E João falava: “Vagna, vamos para casa de Islania”. E lá íamos, e eu voltava para casa por volta das 11h30 da noite, muito exausta, mas feliz por vocês sempre estarem comigo.

Enaltecer os meus agradecimentos ao meu orientador, professor Arenato Santos, e ao Cicinho pelo aporte referente ao meu TCC, e por serem grandes referências para nós, Jiripankó; agradecer também ao gestor da escola José Carapina, Domingos Savio, a Elisiane, Marina, Marcia, Aline, e, pelo apoio nos três estágios, Rosivan, Marcos, Adeilton, Vagner.

Gostaria também de agradecer aos professores do CLIND, àqueles que deixaram um pouco de si para nós alunos, àqueles que realmente sabem o papel de um professor, àqueles que ensinam e não julgam, àqueles que deixam de lado a prepotência e a arrogância, pois eles sabem que têm um papel importante na sociedade, que é o de formar cidadãos. É nesse professor que eu quero me espelhar, para quando eu estiver lecionando poder dizer: “todos os seus ensinamentos carrego comigo, professor...”.

Finalmente, agradecer a quem tenho um grande apreço e gratidão, ao senhor Adelson Lopes Peixoto. Não tenho palavras para descrever o carinho e gratidão que tenho pelo senhor. Costumo dizer que o senhor foi nosso alicerce no CLIND, muito respeitado e admirado por todos, tem fama de ser exigente e por ter um bom coração. Não é à toa que você é quem é, pois para chegar aonde está é preciso esforço, dedicação e o mais importante, a humildade.

LISTA DE IMAGEM

Imagem 1 – O Rancho no momento do ritual	12
Imagem 2 – O Menino do Rancho e os padrinhos durante o ritual	13
Imagem 3 – O Menino do Rancho durante o ritual	13
Imagem 4 – As madrinhas e a noiva durante o ritual	14
Imagem 5 – Cortejo durante o ritual	16

SUMÁRIO

Introdução	07
Metodologia de pesquisa	08
Formação do Povo Jiripankó	10
O ritual Menino do Rancho	11
Relatos de dois pais de Menino do Rancho	17
O que o ritual representa para nós Jiripankó	17
Considerações finais	20
Referencial Bibliográfico	21
Apresentação da Autora	22

RELATOS DE EXPERIÊNCIAS SOBRE O RITUAL MENINO DO RANCHO DO POVO JIRIPANKÓ, EM PARICONHA - AL

RESUMO

O objetivo deste trabalho é apresentar, a partir de relatos de experiências, o ritual Menino do Rancho do povo Jiripankó, em Pariconha – AL. Os relatos de experiências abordam como o ritual repercute no imaginário da comunidade a crença dos encantados e como, por meio de um processo de socialização, a família inicializa a criança neste ritual. Neste sentido, o presente relato conta com entrevistas realizadas com indígenas do Povo Jiripankó. As reflexões teóricas estão embasadas em Gueiros (2017), Peixoto (2016) e Santos (2015). O trabalho evidencia qual o significado do ritual Menino do Rancho e sua representação para o povo Jiripankó, destacando a importância do ritual para comunidade, em especial para a educação das crianças, quando este possibilita a reunião em torno dos cantos e da partilha dos alimentos. No momento do ritual, as crianças se pintam, cantam e dançam, fortalecendo os vínculos identitários por meio do ritual desde cedo, pois serão elas quem seguirão adiante com a cultura e a crença dos mais velhos. Desse modo, através desse processo, observo que o meu povo vivencia um fortalecimento e pertencimento de sua identidade Jiripankó.

Palavras-chave: Ritual Menino do Rancho; Povo Jiripankó; Cultura e Identidade.

INTRODUÇÃO

O presente relato de experiência é resultado de um trabalho de pesquisa de conclusão do curso de Letras-Português e aborda o ritual Menino do Rancho a partir de relatos de experiências acerca do ritual no povo Jiripankó, em Pariconha – AL. O trabalho de pesquisa e a produção deste texto foi orientada pelo professor Me. Arenato Santos, que é vinculado ao Curso Intercultural de Licenciatura Indígena da Universidade Estadual de Alagoas – CLIND/UNEAL, do qual sou graduanda.

O Menino do Rancho é um ritual que também acontece na aldeia Ouricuri, do povo Jiripankó, situado no município de Pariconha, no alto Sertão de Alagoas. O estudo abordou e descreveu o ritual e o seu impacto para a sustentação da identidade do meu povo como povo indígena. Por isso, neste estudo, proponho evidenciar como nossa identidade jiripankó é construída através de um contexto social e cultural específico, e é nesse contexto que o ritual Menino do Rancho, objeto de estudo deste trabalho, está inserido.

Por acreditar ser essencial abordar a formação do meu povo, ou seja, como surgiram os nossos rituais e de onde eles vieram, reforço que falar de um ritual do meu povo é também falar da nossa história, pois vejo que ainda existe muito preconceito com os indígenas do Nordeste, e isso acontece devido à falta de conhecimento, fruto da ignorância acerca da história e da cultura do nosso povo e de muitos outros povos e etnias indígenas que ainda resistem aos diversos ataques e às muitas tentativas de apagamento de nosso traço de diversidade. Considero que essas reflexões me motivaram a realizar esse trabalho e destaco que elas serão centrais em minhas nas discussões que seguem.

Outro ponto que venho observando é o fato de que alguns não indígenas vêm procurando muito a minha comunidade para fazer pesquisa e saber do nosso povo Jiripankó. Atualmente temos vários indígenas ingressando nas Universidades. Em meu caso específico, como graduanda de um curso de Letras, vejo nesse momento, portanto, a oportunidade de falarmos de nós mesmos, sem precisar de um não indígena para nos representar, e finalmente deixo aqui uma frase falada pela Dra. Iraci Nobre¹, em que, na condição de coordenadora geral do CLIND/UNEAL, ela sempre

¹ Iraci Nobre da Silva é professora assistente da Universidade Estadual de Alagoas - UNEAL, é coordenadora geral do Curso de Licenciatura Intercultural Indígena (CLIND/AL) e, em específico, coordenadora do curso de Letras de Licenciatura Intercultural Indígena (CLIND/AL).

destacou a importância de nossos trabalhos acadêmicos serem realizados a partir “do indígena, pelo indígena e para indígena”.

METODOLOGIA DA PESQUISA

Em relação às questões metodológicas, este estudo teve início com um trabalho de campo no qual entrevistei cinco membros da comunidade, dentre eles, quatro eram as lideranças do povo Jiripankó. As entrevistas se deram no período de setembro de 2024 a janeiro de 2025, uma delas foi realizada em um momento anterior, no de 2022. Foram entrevistados: Cícero Pereira dos Santos (2024), Ervison Silva (2024a), Josevaldo Gomes da Silva (2024b) e Luís Antônio de Araújo (2022). Rogério dos Santos (2025), membro da comunidade, foi o quinto entrevistado para este trabalho.

Num primeiro momento, fui à residência de Cícero Pereira dos Santos, que, além de ser uma liderança de nossa comunidade, também é cantador e atua como professor na Escola Estadual Indígena José Carapina. Atualmente ele é formado em história pela Universidade Estadual de Alagoas – Uneal. Lá cheguei com uma proposta de pesquisa e acabei saindo com outra, de maneira que a referida liderança foi um aporte para minha pesquisa. Realizei a entrevista com Cícero no dia 11 de dezembro de 2024, a qual teve continuidade via WhatsApp.

A primeira entrevista realizei no ano de 2022 com Luís Antônio de Araújo, cantador e liderança, que reside na aldeia. A entrevista foi, inicialmente, realizada para um trabalho de uma disciplina do curso de Letras do CLIND, mas que ganhou desdobramento para o trabalho que fundamenta as reflexões aqui desenvolvidas. Luís Antônio, já não está mais cantando nos rituais por motivo que está com sua idade avançada, ele está com 74 anos

Josevaldo Gomes da Silva foi entrevistado em 3 de setembro de 2024. Liderança, e também pai de Menino de Rancho, Josevaldo nasceu aqui na aldeia, mas morou um tempo na Volta do Moxotó - PE, e em São Paulo. Hoje reside na cidade de Pariconha. No dia seguinte, dia 04 de setembro de 2024, tive a oportunidade de

entrevistar Ervison Araújo Silva (2024), que é liderança, cantador, presidente do CONDISI-AL/SE (Conselhos Distritais de Saúde Indígena), e também atua como professor na Escola Estadual Indígena José Carapina. Ervison é formado em pedagogia pela Universidade Federal de Alagoas – UFAL e criador do grupo Tonã Toá. O coletivo de juventude Tonã Toá de cultura e tradição Jiripankó tem o objetivo de fortalecer as práticas culturais indígenas na comunidade, utilizando as redes sociais para dar visibilidade à cultura e à formação política indigenista por meio de incidências e intercâmbios no município de Pariconha e no estado.

A última entrevista aconteceu em 16 de janeiro de 2025 com Sandro Rogerio Santos, cantador e pai de Menino de Rancho, nascido e criado aqui na aldeia. Sandro segue a tradição do seu pai, Domingos, que também era cantador nos rituais, que já se encantou, pois não se encontra mais entre nós.

Santos (2024), Silva (2024a), Silva (2024b) Araújo (2022), e Santos (2025), acima mencionados, compõem, neste trabalho, as vozes e os relatos de experiências aos quais recorri para apresentar e descrever o ritual Menino do Rancho praticado pelo povo Jiripankó.

O relato de experiência é um gênero textual que me possibilitou acessar uma fonte de conhecimento proveniente da oralidade. Para Silva (2023), que fundamenta as suas reflexões em Eni Orlandi e em Marcuschi, defender o relato de experiência como um gênero textual é abrir caminhos para reflexões críticas sobre o que foi vivido e aprendido. Para o autor, “a língua é um elemento fundamental na construção da identidade dos indivíduos e na formação de suas representações sociais” (Silva, 2023, p. 48). Neste sentido, ao fundamentar a minha investigação metodologicamente a partir de relatos de experiências, pretendo levar em conta as expressões, os costumes e o conhecimento oral herdados por meu povo Jiripankó, e defendidos por suas lideranças e pelos mais velhos de nossa comunidade.

Assim, este relato de experiência é composto pelas seguintes seções: metodologia da pesquisa, formação do povo jiripankó, o ritual menino do rancho, relatos de dois pais de menino do rancho, o que o ritual representa para nós jiripankó, seguidos das considerações finais e, por fim, de uma apresentação da autora.

FORMAÇÃO DO POVO JIRIPANKÓ

O povo Jiripancó formou-se a partir de famílias Pankararu que chegaram à região correspondente ao município de Pariconha, alto sertão alagoano no final do século XIX (Santos, 2015, p. 13). Os Jeripankó estão localizados no Ouricuri, município de Pariconha, Alto Sertão Alagoano, cidade típica sertaneja de vegetação conhecida como caatinga, a cerca de 360 quilômetros de Maceió (Silva, 2015 p.5).

Segundo (Araujo, 2022)², houve uma grande invasão em suas terras de origem. Francisco Antônio Cavalcante chefe do partido conservador, invadiu a aldeia Pankararu com violência acabando com os índios, que corriam à procura de lugar onde pudesse viver mais tranquilo. Por questões de sobrevivência, José Carapina saiu corrido de Pankararu com sua esposa Isabel e chegaram nas terras na qual hoje se encontra o povo Jiripankó, localizado no pé da Serra do Simão e Pajeú (Silva, p.6, 2015). Eles ficaram escondidos nesta localização na qual tinha uma fonte de água salobra que hoje é conhecida como a fonte do Ouricuri. Ali, naquele pé de Serra, José Carapina e Isabel sobreviviam da caça e bebiam água da fonte. O primeiro nome dado à nossa comunidade foi Ouricuri devido a grande quantidade de pé ouricurizeiro.

Para que José Carapina, e Isabel se estabelecessem nesta região (SILVA, 2015), José Carapina pediu apoio a um proprietário no sertão de Alagoas conhecido como Major Marques, e logo em seguida convidou seus parentes de Pakararu para viver na terra financiada pelo barão de Água Branca e entregue a eles.

As primeiras famílias trazidas por José Carapina foram os Quintino, Monteiro e Mariinha. Depois, entre 1897 e 1982, vieram chegando novas famílias: os Gabão, os Caipiras, os Cristovão e os Pebas (Silva, 2015 p.6). Com isso, Luís Antônio, junto com Domingos, trouxeram a tradição do povo Pankararu para cá. Todos os sábados e domingo eles cantavam na casa da senhora Joaquina, foi quando Mané Celestino, que veio até o povo que residiam ali naquelas terras, chegou a conhecer e reunir algumas pessoas para irem à Brasília para que o povo Jiripankó fosse reconhecido. A partir de 1980, os povos indígenas do sertão alagoano juntaram-se ao movimento

² Em entrevista realizada em 2022.

indígena do estado, levado pelos Xucuru-Kariri (Palmeira dos índios), Kariri-Xocó (Porto Real do Colégio) e Wassu-cocal (Joaquim Gomes) (Silva, 2015 p.7).

Depois disso tiveram que escolher um cacique e um pajé, os escolhidos foram Genezio Miranda da Silva e Elias Bernandes. Depois de muitos anos, Genezio Miranda com sua idade avançada decidiu que não seria mais cacique, com isso teve uma eleição com a comunidade para eleger um novo cacique, elegeram Manú que hoje é o atual cacique. A eleição para a escolha do atual cacique ocorreu no mês de junho de 2002. Atualmente, de acordo com o SIASI-SESAI/MS (Sistema de Informação da Atenção à Saúde Indígena – SIASI e Secretaria Especial de Saúde Indígena - SESA), sistema que reúne informações sobre a saúde dos povos indígenas e o órgão do Ministério da Saúde do Brasil, atualmente, nós Jiripankó, compomos um número que gira em torno de 1.826 habitantes aldeados.³

No que se refere ao nosso meio de sobrevivência, algumas pessoas da minha comunidade vivem da roça, plantam para sua subsistência, outras depende de programas sociais do governo como: Bolsa Família e aposentadoria, outras trabalham na escola e no polo de saúde, outras viajam para trabalhar no corte de cana e colheita de café e em ferrovias. Em relação ao contato do povo Jiripankó com outros indígenas querendo ou não temos um vínculo, até porque em certas ocasiões todos os indígenas de Alagoas se unem para lutar pelas causas indígenas, já com os não indígenas também temos boa relação, o que considero ser normal. Já em questão de transporte fazemos usos de moto, carros no estilo D20 e vans, esses são os transportes utilizados para a locomoção às cidades vizinhas.

O RITUAL MENINO DO RANCHO

O Menino do Rancho⁴ é um ritual praticado por nós, Jiripankó, e pelos povos que pertencem ao município de Pariconha-AL, como os Katokin e Karuazu. Este ritual veio do povo Pankararu de Brejo dos Padres, Tacaratu - PE.

³ Conferir o relatório do SIASI-SESAI/MS.GOV, que apresenta um relatório quantitativo referente aos indivíduos vivos com a data mais atualizada.

⁴ O racho simboliza as moradias de seus ancestrais, é o local da entrega do menino (Silva, 2015).

O ritual é um pagamento de promessa. Quando uma criança fica muito doente, os seus pais pedem aos encantados pela sua cura, e, se a cura for concedida, os pais colocam a criança no rancho para celebrar a sua cura. É uma celebração porque reúne todos da comunidade e pessoas de fora em um só propósito: agradecer aos encantados pela cura da criança.

Para Santos,

O Menino do Rancho é uma celebração que ultrapassa o sentido de sagrado no contexto comum que as pessoas estão acostumadas a ouvir falar. A festa/ritual reúne os sentidos religioso e social, visto que reúne as pessoas não apenas da mesma etnia, mas, de outros povos que se sentem parte da festa pelo pertencimento étnico e de fé. Esse ritual é uma celebração que reúne os sentimentos de gratidão ao sagrado e socialização com os povos (Santos, 2024).

Imagem 1: O Rancho no momento do ritual



Fonte: de autoria própria (2025)

O ritual Menino do Rancho é uma celebração aberta para o público, ou seja, pessoas de outras comunidades podem vir prestigiar o momento. O ritual acontece a partir de uma promessa que é feita pelos pais da criança ou até mesmo pelo adulto

que foi para o rancho. O ritual acontece em terreiros nos quais, nós, indígenas, consideramos ser um local sagrado. Este ritual é uma celebração de agradecimento pela dádiva da cura.

Imagem 2: Menino do Rancho e os padrinhos durante o ritual



Fonte: de autoria própria (2024)

Imagem 3: O Menino do Rancho durante o ritual



Fonte: de autoria própria (2024)

O menino que vai para o rancho usa um short vermelho e um chapéu feito de palha. Acompanhado dos seus trajes⁵ vem: cinta, flexa e fumo, e a noiva, dependendo do menino que vai para o rancho, tem que ser uma criança ou adolescente. A noiva e as madrinhas usam enfeite nos cabelos e suas vestes são compostas por saias de joelho e blusa de manga.

⁵ As vestes do menino por ser segredo cultural não pode ser revelado, já as vestes femininas são por questão de compostura.

Imagem 4: As madrinhas e a noiva durante o ritual



Fonte: de autoria própria (2024)

“O ritual acontece em períodos distintos, e não tem data fixa para a sua celebração. Sua realização está condicionada a uma necessidade concreta de um membro do grupo” (Gueiros; Peixoto, 2015 p.413). Primeiramente o ritual acontece quando o pai da criança faz a promessa, para início tem toda uma preparação, o pai da criança tem que convidar as madrinhas, noiva, padrinhos, cantadores, fumadores e cozinheiras.

O ritual tem início no sábado à noite, e no domingo é celebrado o dia todo. Os praiás⁶ seguem um cortejo, logo pela manhã, até a residência do menino para buscá-lo. Na residência do menino é ofertado o café aos praiás, que logo após seguem o

⁶ O praiá é representado como o centro do sagrado Religioso Indígena, ele é uma representação da divindade é o encantado que recebe um nome incorporando simbolicamente por um ser vivo para representá-lo com vestimenta própria e única (Silva 2015).

cortejo em busca da noiva e as madrinhas, nestas residências, por sua vez, lhes são servidos garapa (de cana-de-açúcar ou rapadura). Em seguida o cortejo segue para o terreiro, no terreiro eles começam a dançar e a noiva e as madrinhas dançam as três rodadas, tanto a noiva quanto as madrinhas vão à frente conduzindo os praiás até chegar a hora que é servido o almoço.

Depois do almoço, eles seguem dançando até chegar a hora de correr com o menino. Nesse momento, os padrinhos correm com o menino. O intuito é não deixar os praiás pegarem em qualquer objeto que é acompanhado nos trajes do menino (chapéu de palha ou fumo), os padrinhos tentam se abrigar em algum lugar à espera do dono do menino, quando o dono do menino chega pega o menino e voltam para o terreiro para mais uma rodada. O certo são três rodadas: a partir dessas três rodadas, quando os padrinhos correm com o menino, algumas pessoas correm atrás para ver se os praiás pegaram o menino; desse modo, quando as pessoas voltam, as que ficaram aguardando, perguntam, com empolgação: “pegou e quem pegou?” Se nas três rodadas não pegaram os pertences do menino, ele é então entregue para o dono; todavia, caso algum praiá pegue algum pertence do menino, o menino é entregue a esse praiá. Daí por diante esse praiá é quem vai cuidar do menino (zelar). Logo após é feita a entrega do menino, da noiva e madrinhas para os seus familiares. E, para terminar o ritual, são realizadas três rodadas de Toré⁷.

As pessoas que participam diretamente do ritual como cantadores, moços (praiás), padrinhos, madrinhas todos se zelam, tomam banho de ervas e não podem ter relações íntimas e as mulheres não podem estar no período menstrual nos dias do ritual. O menino do rancho e a noiva também tomam banho de ervas. A preparação do banho tem que vir de uma pessoa específica. E qualquer pessoa pode vir a assistir o ritual, muitas dessas pessoas que vem assistir caso queira dançar na hora do Toré e queira dançar com o praiá, a pessoa não pode passar nada cheiroso no corpo, como perfumes. A família do menino também tem toda uma preparação; pois, ao final do ritual, vai para o terreiro receber o menino ritualizado.

Embora nunca tenha participado diretamente do ritual, mesmo pertencendo à comunidade Jiripankó, as minhas vivências como participante observadora do ritual

⁷O toré é uma dança ou, mais amplamente, um ritual que se encontra disseminado entre quase todos os povos indígenas que habitam a região etnográfica do Nordeste. (Reesink, 2000).

me permitem afirmar que viver nesse meio é algo inexplicável. Costumo dizer que a prática do ritual faz parte de um mundo mágico. Nesses momentos, temos um misto de sensações e sentimento. É algo muito lindo de se ver, uma vez que a agitação é muito grande em nosso povo. Quando é anunciado que teremos Menino do Rancho, a comunidade já fica vibrando para que esse dia chegue logo, visto que esse momento, por ser único, traz consigo muita emoção e muita alegria para todos da comunidade.

Deste modo, defendo que o ritual Menino do Rancho representa para nós o fortalecimento identitário e de pertencimento do nosso povo. Por ser um ritual que reúne todos da comunidade, ele nos fortalece ainda mais como povos indígenas. Essa união vem através da crença e da fé que consiste entre nós: “sua representação é de renovação da crença, da fé nos ancestrais e reunião do nosso povo em um objetivo comum, celebração da vida e cura” (Santos, 2024).

Imagem 5: Cortejo durante o ritual



Fonte: de autoria própria (2024)

RELATOS DE DOIS PAIS DE MENINO DE RANCHO

Neste tópico veremos relatos de dois pais de menino do rancho, no qual eles relatam o porquê de terem colocado seus filhos no rancho e relatam também como foi a experiência desse momento único, pois é um momento na qual se celebra a dádiva de cura.

Segundo Valdo, o motivo por ele ter colocado seu filho no rancho foi porque ele ficou muito doente e a partir do momento que ele entregou seu filho ao dono dele (encantado): o menino ficou bom, e com isso ele pagou a promessa. E ao partilhar a festa com a comunidade, Valdo relata que foi muito satisfatório por estar todo mundo ali reunido no terreiro e ajudando. Para ele, foi um momento muito bonito.

Segundo Sandro, ele colocou seu filho no rancho porque ele tinha prometido para os homens (encantados). Segundo ele, não foi por motivo de doença, foi porque ele mesmo tinha prometido. Ao partilhar a festa/ritual com a comunidade, ele relata que se sentiu muito feliz e agradecido, pois sua intenção era ver todos juntos naquele momento do ritual.

Nota-se que nos relatos dos pais que um pai entregou seu filho para os encantados por motivos de enfermidade, e o outro pai entregou seu filho pelo motivo de ter prometido, só prometeu e fez a entrega (momento da festividade ou ritual).

O QUE O RITUAL REPRESENTA PARA NÓS JIRIPANKÓ

Falar do ritual Menino do Rancho é falar da nossa cultura, crença e fé que consiste entre os Jiripankó. É através dessa fé que esse ritual é realizado, essa fé é algo cosmológico que adentra entre nós, pois não é do dia para a noite que se coloca uma criança no rancho, já que custa recursos e tempo, porque demanda uma preparação por parte da família da criança e donos de praiás e a comunidade em si também. Para que aconteça essa celebração os pais da criança precisam ter condições financeiras, pois no momento do ritual são servidos café e almoço para os

praiás, para a comunidade e, também, aos visitantes, entre outras coisas que tem custos financeiros.

Após a promessa e a constatação da cura, a família do menino entra nos preparativos para o pagamento dessa promessa. Tais preparativos vão desde os convites as madrinhas, a noiva, ao cantador e aos zeladores para que esses levem seus praiás à performance do ritual. Antecedendo os convites a família já deve ter organizado os alimentos que serão servidos no ritual. Não há prazo definido para isso, devem-se levar em conta as condições financeiras da família que arcará com todas as despesas, pois devem oferecer um almoço composto de carne de carneiro, arroz, farofa ou pirão a todos os participantes seguindo a ordem hierárquica (praiás, homens, mulheres) (Gueiros, 2017, p.44).

É através da nossa crença que garantimos a sustentação da nossa identidade.

A crença, cantos e cultura já vem dos nossos ancestrais, é algo que estamos levando adiante, e se até aqui estamos firmes e fortes, isso significa que sustentamos a nossa identidade quanto povos indígenas, isso porque cremos naquilo que praticamos, naquilo que nossos ancestrais nos deixaram.

Esse pagamento da promessa acontece após um período de preparação, pois há a necessidade de convidar as personagens para execução dessa prática ritualística como por exemplo: as madrinhas, os padrinhos, os cantadores etc. E para preparar o terreiro e organizar a estrutura para oferecer a garapa de rapadura aos praiás e a alimentação aos visitantes e convidados que se fazem presente no dia da execução (Gueiros, 2017, p. 50).

A família da criança, automaticamente sinaliza sua socialização da sua crença antes mesmo do ritual acontecer, a partir do momento que a família entrega seu filho para ir para o rancho, sua crença já está sendo socializada por crer nos encantados, por crer na cura que foi concebida para seu filho através dos encantados.

O Menino do Rancho, por ser um ritual que é voltado para uma criança, tem uma centralidade para a educação das crianças Jiripankó, pois desde cedo as crianças são inseridas nesse processo. No momento do ritual, as crianças se pintam, cantam e dançam, aprendem desde cedo, pois serão essas crianças que seguirão adiante com a cultura e a crença dos mais velhos, com isso gera uma sustentação na identidade como crianças indígenas, o que garante que essas crianças tenham seu lugar de fala e pertencimento, pois elas são genitoras da sua própria identidade, e essa identidade é construída através das experiências vividas por elas dentro do ritual

e da comunidade. É importante aqui destacar que esses elementos identitários são fortalecidos não apenas no ritual Menino do Rancho, mas também em outros rituais existentes na nossa comunidade como Dança do Cansação, Flechada do Umbu e Puxada do Cipó.

Analisando e refletindo que muitas das vezes vejo as crianças da minha comunidade de baixo dos pés de algaroba encenando a dança dos praiás com sacos postos em suas cabeças e frascos cheios de pedrinhas e um pauzinho para imitar um maracá, e ali eles seguem dançando como se fossem os praiás e isso reflete na educação das nossas crianças, pois essas crianças se espelham na nossa cultura elas transmitem em forma de encenação o que aprendem no dia a dia com a nossa cultura e na nossa crença.

Na festa do menino do rancho a gente vê muito a presença das crianças, o próprio nome já chama a atenção, o menino do rancho, talvez pela figura simbólica do “menino” as outras crianças se sintam ali parte daquela cultura, então logo cedo eles começam a se pintarem, e fazem a dança de manhã junto com o menino na casa do menino, então a criança começa se inserir nesse processo. Temos uma diversidade de coisas que a criança ela aprende e constrói sua identidade cultural e que contribui de uma significativa, de uma forma positiva para a educação da criança, do eu indígena é o que a gente chama de educação indígena, essa é a educação passada pela vivência da própria criança na comunidade sendo participante das atividades culturais. Subtende que a criança desde cedo é responsável e tem a responsabilidade do repasse das gerações futuras. (Silva, 2024).

E essa encenação é pertinente para nós como povos indígenas e para essas crianças, pois essas encenações garantem que essas crianças tenham seu lugar de fala e pertencimento, pois desde cedo essas crianças são reflexos da nossa cultura e crença.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As reflexões apresentadas neste estudo partiram de relatos de experiências realizados por mim, através de lideranças e membros da comunidade Jiripankó sobre um ritual importante e central para o nosso povo, o ritual Menino do Rancho.

Nessa direção, a partir do estudo realizado, sendo uma estudante indígena Jiripankó, graduanda em Letras pelo Clind/Uneal, poder falar aqui sobre o meu povo, não apenas foi importante para fortalecer os vínculos com minha própria cultura, como também o estudo me ajudou a compreender melhor os costumes, a fala e a identidade de meu povo, experiências que contribuíram para um resgate de vozes e identidades que seguem historicamente resistindo apesar de séculos de perseguição e apagamento contra os povos originários.

Partindo desse princípio, este estudo de relatos de experiências servirá de porta de entrada para aprofundar ainda mais a construção de conhecimento na área de letras, um tema que precisa de mais teorização. Acredito ser pertinente na área de Letras, pois tais relatos de experiências contam as minhas narrativas e as do meu povo quanto pertencente a um povo, pois esses relatos e narrativas envolvem também o tipo de linguagem que um povo usa ao relatar suas experiências, visto que há poucos trabalhos desenvolvidos, principalmente por moradores de minha comunidade. Assim, tanto para mim, quanto para o meu povo, este trabalho passa a representar uma ferramenta de luta na medida em que me posiciono no mundo, seja através da memória dos nossos antepassados, seja através das alegrias partilhadas em nossos rituais.

Desse modo, tendo como base os relatos de meu povo, com esse trabalho documentarei as experiências vividas por mim e pelo meu povo, a partir das quais, eu, como indígena Jiripankó, estarei contribuindo ainda mais para o fortalecimento étnico, identitário e cultural do meu povo. O ritual simboliza a vida e a cura. Esse ritual faz com que nossos laços culturais se fortaleçam ainda mais, de forma que, no momento da execução da performance dos praiás, no qual eles formam um grande círculo e dançam ao som do maracá e da gaita, entendo que é em momentos como esses que eles – e, por extensão, o meu povo – se conectam com as forças encantadas, preservando assim nossa cultura e identidade.

REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA

GUEIROS, Lucas Emanuel Soares. **Os Jiripankó e o ritual Menino do Rancho:** Cosmologia, identidade e memória indígena. Palmeiras dos Índios – UNEAL 2017 (Trabalho de conclusão de curso licenciatura em História). 2017.

GUEIROS, Lucas Emanuel Soares; PEIXOTO, José Adelson Lopes. **Menino do Rancho:** Performance religiosa do povo Jiripankó. Delmiro Gouveia 2016. III, Encontro Nacional de História do Sertão (ENHS). 2016.

SANTOS, Cícero Pereira. **Território e Identidade:** Processo de formação do povo Jiripankó. Palmeiras dos Índios; Uneal, 2015. (Trabalho de conclusão do curso de Licenciatura Intercultural Indígena em História). 2015.

SILVA, Ana Cláudia da. **Jiripankó: História ritual e cultura.** Trabalho de conclusão de curso em História (Monografia) Universidade Estadual de Alagoas – UNEAL, Palmeira dos Índios, 2015.

SILVA, Reginaldo Pedro de Lima. **O Gênero textual Relato de Experiência:** Uma proposta de sequência didática para o 1º ano do Ensino Médio. João Pessoa 2023. (Dissertação de Mestrado de Pós- Graduação em Linguística e ensino (PGLE) Universidade Federal da Paraíba, 2023.

ENTREVISTAS:

ARAÚJO, Luís Antônio de. Sem título. Entrevista concedida a Vagna da Silva Santos. Pariconha-AL: 2022.

ARAÚJO, Sandro Rogério dos Santos. Sem título. Entrevista concedida a Vagna da Silva Santos. Pariconha-AL: 2025.

SANTOS, Cícero Pereira dos. Sem título. Entrevista concedida a Vagna da Silva Santos. Pariconha-AL: 2024.

SILVA, Ervison Araújo. Sem título. Entrevista concedida a Vagna da Silva Santos. Pariconha-AL: 2024a.

SILVA, Josevaldo da. Sem título. Entrevista concedida a Vagna da Silva Santos. Pariconha-AL: 2024b.

Apresentação da Autora

Sou Vagna da Silva Santos, pertencente do povo Jiripankó. Resido e estudei aqui desde que nasci. Ingressando na 5ª série do Ensino Fundamental, fui estudar na cidade Pariconha - AL, porém só passei 3 meses estudando lá, em seguida voltei para cá, pois as lideranças Jiripankó lutavam para que houvesse na minha comunidade as séries da 5ª série ao 3º ano do Ensino Médio. Eles obtiveram essa conquista.

Essa luta começou porque nós, povos indígenas, sofriamos muito preconceito por parte dos não indígenas que moravam da cidade, e porque houve um sequestro dos estudantes que se locomoviam de D20 até a cidade para estudar. Quando voltei a estudar aqui, começamos apenas com duas turmas, 5ª e 6ª série, então foi aumentando as turmas até chegar ao ensino médio. Sempre fui uma boa aluna, nunca repeti de ano, me formei aqui, fiz o Enem duas vezes, lancei minhas notas, mas por não ter celular e nem notebook era complicado para estar olhando se era chamada.

Passei 7 anos parada. Foi aí que o professor Adelson⁸ e o professor Jairo⁹, ao visitarem nossa comunidade, fizeram uma reunião com os jovens daqui e nos apresentaram à proposta do CLIND (Curso de Licenciatura Intercultural Indígena), e quem estava na reunião apoiou a proposta. Foi aí que quem compõe o CLIND sentou junto ao Estado, pois precisaríamos do apoio financeiro. Foi lançado o edital e os indígenas que se interessaram fizeram a inscrição nos seguintes cursos ofertados: Letras/Português, Matemática, História, Geografia e Pedagogia.

No início do curso eu já pensava em falar no meu Trabalho de Conclusão de Curso - TCC sobre a saúde indígena. Com o passar dos anos, conheci duas pessoas não indígenas: Nora, que reside em Maceió e Marcos Vinicius, que reside em São Miguel; eles ficaram muito encantados com a nossa cultura. Minha irmã Viviane, então, os convidou para que eles viessem para Puxada do Cipó aqui na aldeia no final de dezembro de 2022. Também havíamos falado para ambos sobre o Menino do Rancho. Eles ficaram ansiosos para vir assistir este ritual. Então, em 2 de junho de 2023 tivemos o Menino do Rancho, eles acharam muito lindo. Foi aí que minha irmã comentou que eu ia falar do Menino do Rancho no meu TCC, e o Marcos Vinicius super me apoiou.

⁸ Adelson Lopes Peixoto é professor titular na UNEAL - Campus III, em Palmeira dos Índios.

⁹ Jairo Campos, professor e museólogo da UNEAL. Militante do PT-Fco. Dantas/RN e foi o idealizador do museodecultura popular.